

PERCEPÇÃO E AVALIAÇÃO LINGÜÍSTICA NO NORDESTE DO PARÁ

PERCEPTION AND LINGUISTIC ASSESSMENT IN NORTHEAST PARÁ

Jany Éric Queirós Ferreira¹, Regina Célia Fernandez Cruz²

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar e discutir os resultados do teste de percepção e segurança linguística sobre o (não) abaixamento das médias pretônicas feito com paraenses e cearenses no nordeste do Pará. O estudo pauta-se nos pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística (Labov, 2008) e de crenças e atitudes (Lambert; Lambert, 1972).—A pesquisa ocorreu em cinco localidades do Nordeste do Pará, e para a montagem de sua amostra foram considerados tanto falantes nativos de cada localidade (topoestáticos) como aqueles procedentes do Estado do Ceará (topodinâmicos). A amostra foi estratificada em sexo, faixa etária e procedência. Para a coleta de dados foi utilizado o protocolo Self report test, a partir de áudio-estímulos a fim de que os sujeitos selecionassem, dentre as variantes estudadas, aquela com a qual se identificam. Os resultados indicaram que a variação das médias pretônicas não foi um fenômeno perceptível para o grupo de amostra. Os juízes se identificaram mais com as variantes médias fechadas. Considera-se a partir dos resultados que a variação das médias pretônicas é um fenômeno categorizado como um indicador (Labov, 2008), haja vista que está abaixo da consciência social dos falantes, e portanto, de difícil percepção aos leigos.

PALAVRAS-CHAVE: Percepção linguística; Vogais médias pretônicas; avaliação linguística.

ABSTRACT

This paper aims to present the results of the perception and linguistic safety test on the variation of pretonic middle vowel with data of Brazilian Portuguese spoken in the northeast of Pará. The study is based on the theoretical-methodological frameworks of sociolinguistics (Labov, 2008) and attitudes (Lambert; Lambert, 1972). The research took place in five locations in the Northeast of Pará, and to assemble its sample, both native speakers from each location (topostatic) and those from the State of Ceará (topodynamic) were considered.

¹ Doutor e mestre em Letras/Linguística pela Universidade Federal do Pará. Especialista em Língua Portuguesa e Teoria Literária pela Universidade da Amazônia. Professor e pesquisador da Universidade Federal Rural da Amazônia. Atualmente, coordena os Cursos de Letras Portugues Regular e Curso de Letras Libras PARFOR/UFRA. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3052-3710> | jany.ferreira@ufra.edu.br

² Professora Titular da área de Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Pará (Belém, Pará, Brasil). Possui Doutorado em Linguística pela Université d'Aix-Marseille I. Bolsista Produtividade do CNPq (PQ1). Atualmente encontra-se à frente da Direção da Faculdade de Letras do Instituto de Letras e Comunicação da UFPA. Email: regina@ufpa.br

The sample was stratified by sex, age group and origin. For data collection, the Self report test protocol was used, using audio stimuli so that subjects select, among the variants studied, the one with which they identify. The results indicated that the variation in pretonic middle vowel was not a noticeable phenomenon for the sample group. The judges identified more the medium closed variants. The results show that the variation in pretonic middle vowel is a phenomenon categorized as an indicator (Labov, 2008), given that it is below the social consciousness of speakers, and therefore difficult for laymen to perceive.

Keywords: *Linguistic Perception; Pretonic mid vowels; linguistic evaluation.*

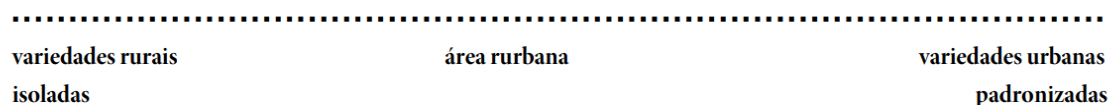
INTRODUÇÃO

A Região Nordeste do Pará é uma das áreas mais antigas de colonização do Estado do Pará. Todo processo histórico e geográfico ocorrido nela influenciou de forma significativa a sua cultura, ecologia, economia, política e a sua ocupação populacional (Cordeiro et al, 2017). Consequentemente, houve reflexo na variedade do português falada na região, sobretudo, pela forte influência nordestina na cultura local em decorrência de processos migratórios, ocorridos, também, quando da abertura das rodovias federais – BR 010, BR-316 e BR-222 (Ferreira, 2019).

Impressionisticamente falando, pode-se afirmar que a forte influência rural de migrantes nordestinos contribuiu para a caracterização da variedade do português da região nordeste, diferenciando-a do português dito paraense (Cassique, 2006). Fenômenos como a não palatalização do /l/ em ataque silábico e do /s/ em coda silábica de final de palavras, como em “ga[l]inha, pa[l]ito, trê[s], arro[s]”; a vocalização do /ɲ/, em contexto como “far[ỹ]a”, “madr[ỹ]a”; a atualização do /v/ pelo [b] em palavras como “[b]arrer por varrer”; o uso do [h] como variante /v/ como em “cavalo [h]ei”(cavalo velho), “ele ta[h]a”(ele tava); variação de vogais médias pretônicas, preferência de [e] e [o], seguidas das vogais abertas [ɛ] e [ɔ] (Freitas, 2001; Ferreira, 2019), são comuns na fala dos nordestinos do Pará. No campo lexical, a presença de muitos termos tipicamente nordestinos, como por exemplo: “*macho*”, “*arengar*”, “*peia*”, “*zuada*”, “*mangar*”, também são comuns. Tais características, comuns na região, representam a forte influência nordestina presente na fala tanto de cearenses quanto de paraenses do nordeste do Estado.

Devido à forte influência rural na cultura e fala locais, a variedade do português regional do nordeste do Pará pode ser caracterizada como *rurbana*, na classificação de Bortoni-Ricardo (2004). A sociolinguística compreende as variedades do português dentro de um continuum conforme a Figura 1.

FIGURA 1 – Continuum de urbanização



Fonte: Bortoni-Ricardo (2004, p. 51).

Na descrição da autora, em uma das pontas do contínuo estão localizadas as variedades rurais mais isoladas, tanto por questões geográficas, como também pela falta de meios de comunicação; na ponta oposta, estão situadas as variedades urbanas que, “[...] ao longo do processo sócio-histórico, foram sofrendo a influência de codificação linguística, tais como a definição do padrão correto de escrita, também chamado ortografia do padrão correto de pronúncia” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 52). É por essa perspectiva que classificamos a variedade do português falado na região em destaque como rurbana, com influências rurais e também urbanas.

Com objetivo de estudar essa variedade do português no Nordeste no Pará, Ferreira (2019) tomou como objeto de estudo a variação das médias pretônicas. Vinculada ao Grupo Vozes da Amazônia (UFPA), sua pesquisa teve a intenção de investigar as crenças e atitudes linguísticas e descrever o português falado por paraenses e cearenses, com foco no abaixamento vocálico. A investigação cobriu a área de cinco localidades, escolhidas segundo critérios históricos e geográficos. Devido ao processo migratório de nordestinos na Região, um de seus objetivos foi verificar a distribuição das variantes das vogais médias pretônicas na fala de cearenses e paraenses e as atitudes destes em relação ao fenômeno.

Assim sendo, o presente texto tem como objetivo apresentar recortes dos resultados dessa pesquisa de Ferreira (2019), mais especificamente, no que se refere à avaliação de cearenses e paraenses em relação à variação das vogais médias pretônicas.

O artigo está assim organizado: na primeira seção, apresenta-se um panorama dos estudos de vogais médias pretônicas no Pará (Cruz, 2012; Razky; Lima; Oliveira, 2012; Ferreira, 2019) como motivação para o estudo na região nordeste; na segunda seção apresenta-se os conceitos importantes de crenças e atitudes linguísticas (Lambert; Lambert, 1972); na terceira seção são apresentados os pressupostos teóricos e metodológicos; na quarta seção são apresentados resultados e breves análises do protocolo *Self report test* a partir de três respostas dadas por paraenses e cearenses; e seguem-se as conclusões sugeridas pelos dados analisados.

As vogais médias pretônicas

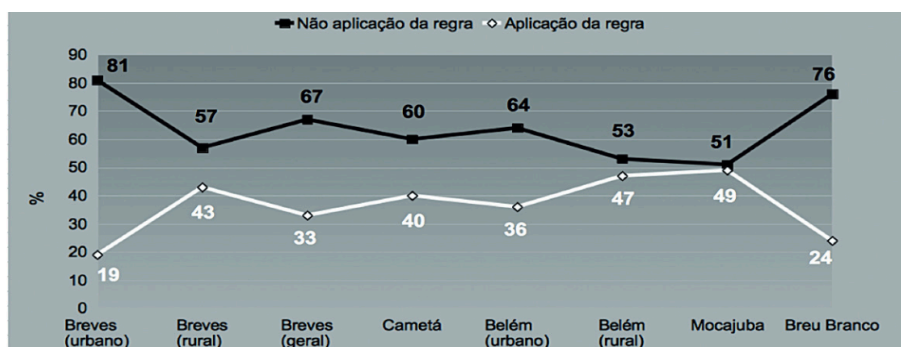
Estudos sobre vogais médias pretônicas são bastante produtivos na Amazônia paraense. Várias frentes de pesquisas foram desenvolvidas no âmbito do Grupo GeolinTerm e do Grupo Vozes da Amazônia, ambos sediados na Universidade Federal do Pará. Este último engloba uma série de perspectivas sobre estudos das vogais com descrições sociolinguísticas, fonéticas e sociofonéticas.

Inserida no âmbito desses estudos, a pesquisa de Ferreira (2019), considerando o panorama de investigações sobre vogais, destaca a predominância das vogais médias pretônicas fechadas [e] e [o] em toda a Amazônia Paraense, com variações para a segunda variante em certas regiões, ora sendo [i] e [u] e ora [ɛ] e [ɔ]. Em relação à realização de [ɛ] e [ɔ] em posição pretônica, acredita-se que explicação tem como base a própria história de constituição de povoados e localidades, que em sua formação tiveram contribuições de nordestinos que migraram para o Pará em distintas épocas e diversos motivos. Assim, os diferentes momentos de imigração ocorridos na Amazônia paraense originaram alterações no português falado no estado, caracterizado por diversas influências dialetais (Cassique, 2006).

Um panorama dos estudos de vogais médias feito por Cruz (2012) agrupa resultados de diversas localidades. Com foco na aplicação do alteamento, o estudo mostra um distanciamento entre a aplicação da regra e a não aplicação, em especial em localidade cuja característica é o processo migratório, como é o caso de Breves e Breu Branco. Nessas

localidades, a aplicação da regra, no caso o alteamento, diminui à medida que cresce a não aplicação da regra, ou seja, a realização de [e] e [o], predomina. A Figura 2 apresenta os percentuais para a aplicação e não aplicação do alteamento vocálico.

Figura 2 – Tendência à regra de alteamento das vogais médias pretônicas na Amazônia Paraense.

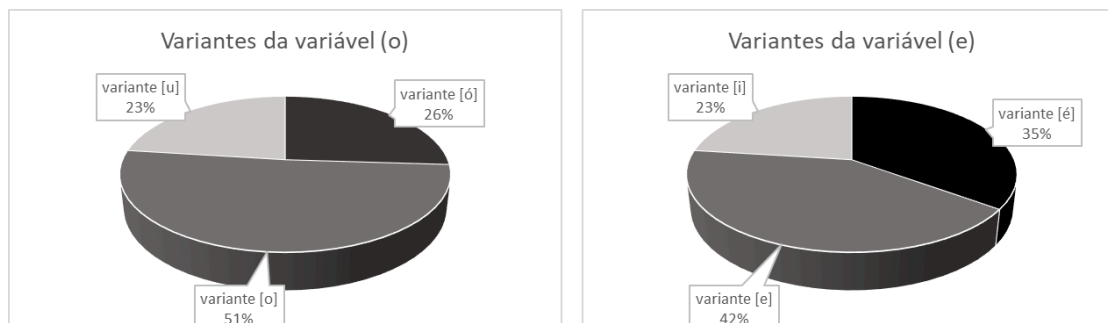


Fonte: Emprestado de Cruz (2012, 958).

Tais resultados motivaram uma série de investigações sobre o processo migratório e as vogais médias pretônicas, no âmbito do Grupo Vozes da Amazônia, dentre as quais Ferreira (2013), Fagundes (2015) e Borges (2016).

Em outro estudo, também de 2012, Razky, Lima e Oliveira, em sua investigação em dez localidades do Pará (Abaetetuba, Altamira, Belém, Bragança, Breves, Cameté, Conceição do Araguaia, Itaituba, Marabá e Santarém), identificaram as vogais fechadas [e] e [o] como as variantes mais produtivas, sendo as vogais abertas [ɛ] e [ɔ] as segundas variantes mais produtivas. Os autores relacionam à influência nordestina os índices das variantes abertas nessas localidades. Na figura 3 é possível verificar a distribuição das variantes.

Figura 3 – Frequência das variantes de /o/ e de /e/.



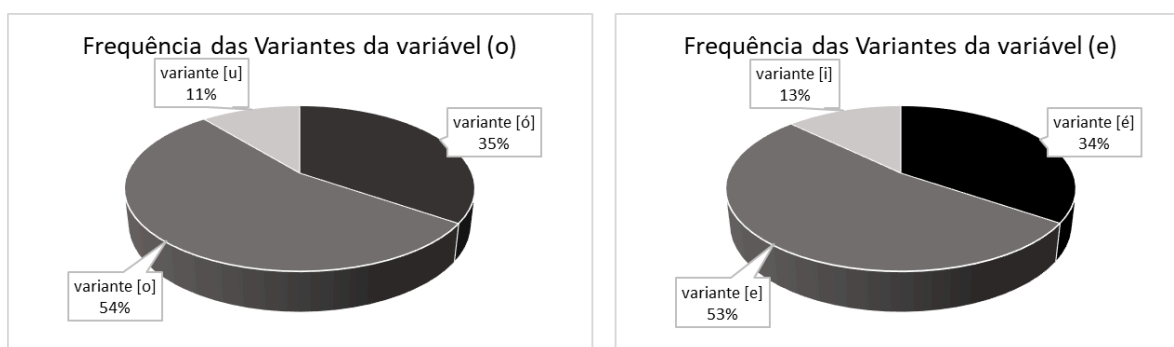
Fonte: Adaptado de Razky, Lima e Oliveira (2012, p. 299-300).

Os pesquisadores afirmam em seu estudo haver a possibilidade de mudança de norma para as vogais fechadas em posição pretônica, principalmente por serem as preferidas das mulheres e dos mais jovens. Os resultados, portanto, segundo eles, impõem uma necessidade

de revisão do mapa dialetal proposto por Nascentes (1953), já que o Pará, com norma para a realização das vogais médias pretônicas fechadas, não poderia ser agrupado aos estados do nordeste.

De forma a confirmar a norma do Pará em relação às vogais médias pretônicas, Ferreira(2019), em seu trabalho de Tese, utilizando-se de pressupostos da sociolinguística e da dialetologia pluridimensional investigou a realização das vogais médias em um *corpus* de 7.977 ocorrências em cinco localidades do Nordeste do Pará. Os resultados parecem comprovar a forte influência nordestina na atuação das vogais abertas, como uma das marcas da variedade do português falado, como se pode verificar na figura 4.

Figura 4 – Frequência das vogais médias pretônicas no nordeste do Pará



Fonte: adaptado de Ferreira (2019, p. 91).

Em virtude desses resultados de Ferreira (2019) aplicaram-se vários testes de avaliação de modo a investigar o status das variantes na região. Os resultados e análise de um deles serão apresentados na seção Resultados e Análise.

Atitudes e crenças linguísticas

Língua e sociedade possuem uma relação intrínseca. Ao mesmo tempo em que o homem se utiliza da língua como um instrumento de interação, por meio do qual se constitui como sujeito, cultiva memória, valores sociais entre outros, cria e modifica a própria língua, afetando-a. Assim, a língua e a sociedade constituem-se mutuamente.

Por ser um fenômeno social, a língua reflete a estrutura dos grupos sociais que a utilizam. Como são variáveis os grupos sociais, assim também a língua apresenta essa variabilidade, constituindo-se num conjunto de variedades que, socialmente, recebem valores distintos, como qualquer objeto social.

Os valores sociais atribuídos às variedades linguísticas ou fenômenos linguísticos constituem-se em atitudes linguísticas por parte dos falantes, que podem ser negativas ou positivas. Esses julgamentos em relação à língua ocorrem por esta ser considerada um objeto social e por isso suscetível de valoração (Lambert; Lambert, 1967). Tal valoração atribuída a determinadas variedades/variantes ou mesmo línguas pode contribuir para difundir ou frear determinado uso (Bagno, 2017; Coelho et al 2010).

Labov (1972), ao tratar da avaliação, ressalta que a valoração dada pelos falantes reflete o nível de consciência social destes em relação a fenômenos sociolinguísticos. A depender desse nível de consciência, os fenômenos podem ser classificados como *indicadores, marcadores e estereótipos*. Os primeiros estão abaixo da consciência social, e são

de difícil percepção. Os segundos são mais perceptíveis embora estejam abaixo da consciência social. Já os terceiros estão no nível da consciência social e tendem a ser avaliados negativamente pela comunidade.

Pesquisas que lidam com a avaliação e percepção sociolinguísticas ainda são insipientes apesar de sua importância (Freitag, 2016). E no âmbito da sociolinguística costumam ser inseridas na área de Estudos de Crenças e Atitudes. Os conceitos básicos de crenças e atitudes são tomados da Psicologia Social, pois é nessa área que surgem os primeiros trabalhos sobre esse tema.

Entende-se por atitude “uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante” (Lambert; Lambert, 1972, p. 78). Conseqüentemente, nosso comportamento pode ser afetado pelas atitudes. Os psicólogos sociais compreendem que há três componentes interdependentes que formam a atitude: conativo, afetivo e comportamental. Freitag et al (2016) explicam esses componentes associados à linguagem do seguinte modo:

[...] a dimensão comportamental corresponde à produção: como o falante efetivamente fala, a frequência de recorrência de uma dada variante em uma comunidade; as dimensões cognitiva e afetiva correspondem à percepção. como o falante acha que fala ou acha que deve falar (cognitivo) é a manifestação verbalizada, sem reações afetivas, acerca da sua crença sobre seus usos e sobre os padrões da comunidade. como o falante julga aqueles que falam de determinado jeito (afetivo) é a manifestação de reações afetivas em relação ao objeto em questão (p. 66).

O componente cognitivo envolve as crenças, opiniões e pensamentos sobre uma língua ou variedade/variante linguística; no afetivo ocorre as preferências, os julgamentos, e no comportamental a escolha de determinado uso (Ferreira; Santos, 2022).

As crenças, que estão na base das atitudes, na concepção de Lambert e Lambert, pode ser entendida como

uma forma de pensamento, construções da realidade, maneiras de ver e perceber o mundo e seus fenômenos, co-construída sem nossas experiências resultantes de um processo interativo de interpretação e (re)significação. Como tal, crenças são sociais (mas também individuais), dinâmicas, contextuais e paradoxais (Barcelos, 2007, p. 113).

Metodologia

Os procedimentos metodológicos foram baseados nos pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística quantitativa, dos estudos de crenças e atitudes e da dialetologia pluridimensional (Lambert; Lambert, 1972; López Morales, 1993; Moreno Fernández, 1998; Thun, 1998).

O trabalho de campo foi realizado na região nordeste do estado do Pará, em cinco localidades (Santa Maria do Pará, São Miguel do Guamá, Mãe do Rio, Aurora do Pará, Ipixuna do Pará). A escolha das localidades ocorreu com base nos seguintes critérios: (i) histórico de migração nordestina em sua formação; (ii) localização geográfica da sede às margens da Rodovia BR 010, Belém-Brasília.

A ocupação da Região investigada ocorreu por incursão portuguesa nos rios Caeté, Guamá, Acará e Capim. Esse processo originou as primeiras cidades. Um segundo movimento histórico de ocupação ocorreu em virtude da abertura das Rodovias Federais BR-010 (Belém-Brasília), BR-316 (Pará-Maranhão) e BR-222 (que liga a BR-010 à Marabá).

Esse segundo processo foi importante porque ocasionou processo migratório intenso de populações oriundas do Nordeste. Cordeiro et al (2017) atribuem aos nordestinos, de maioria agricultores, à formação da etnia da região, ao lado de indígenas, negros e portugueses. A figura 4 apresenta no mapa do Pará as localidades investigadas.

Figura 4 – Mapa das Localidades Investigadas no Nordeste do Pará.



Fonte: Ferreira (2019, p. 50)

A seleção do grupo amostral seguiu parâmetros diassexual, diageracional e diatópico, num total de 40 informantes, sendo 8 por localidade. Foram 10 informantes topodinâmicos (um homem e uma mulher de 50 a 65 anos), distribuídos em 2 por localidade; e 30 topoestáticos (dois homens e duas mulheres de 18 a 35 anos e um homem e uma mulher de 50 a 65 anos), sendo 6 por localidade. Para os topodinâmicos estabeleceu-se o seguinte perfil: a) ser cearense de nascimento; b) ter residido metade de sua vida no seu estado de origem; e c) estar residindo no Pará há mais de 10 anos. Já para os topoestáticos, seguiu-se o perfil: a) ter nascido no município; e b) ser filho de pais nascidos na região. Cada informante recebeu um código específico para fins de identificação nas rodadas estatísticas.

O protocolo de coleta de dados seguiu os padrões sociolinguísticos, a partir dos quais aplicou-se um teste aos informantes juízes contendo três questões. Nesse texto os informantes, com vistas a avaliar a presença e a ausência do fenômeno do abaixamento das vogais médias pretônicas, ouvem dois áudio-estímulos contendo uma lista de oito palavras idênticas, pronunciadas primeiramente com vogais médias abertas e posteriormente como fechadas. As palavras selecionadas faziam parte de respostas possíveis ao questionário fonético-fonológico, utilizado em outro momento da pesquisa (Ferreira, 2019), quais sejam: terreno, procissão, sorriso, ovelha, perdida, prefeito, Pernambuco, inocente. Após ouvirem os áudios, são indagados a partir das seguintes perguntas: (i) *você acha que tem diferenças entre essas duas sequências? Qual?* (ii) *qual das sequências você acha mais bonita. Por quê?* (iii) *Você acha*

que fala igual a primeira ou a segunda sequência de palavras? As questões tiveram como objetivo verificar se o fenômeno do abaixamento vocálico é perceptível aos informantes, bem como, se eles se identificam com o fenômeno linguisticamente.

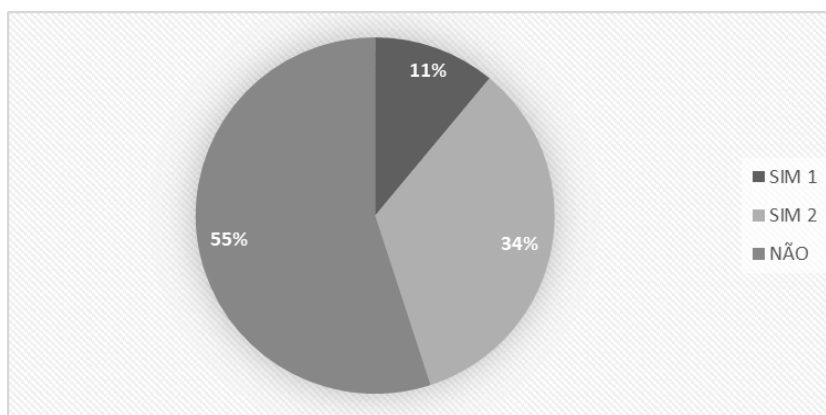
Após a coleta, os dados foram transcritos e organizados em planilhas do Excel para fins de análise de frequência, geração de resultados e posterior análise.

Resultados e análises do resultado

Foram selecionadas para este estudo três questões utilizadas no protocolo de coleta de dados da pesquisa de Ferreira (2019). Essas perguntas fazem parte de um teste chamado *Self report test* que visa a identificação da percepção dos informantes juízes acerca do fenômeno estudado e a possível identificação destes com o fenômeno. Como a pesquisa em tela tinha como base o abaixamento vocálico, foram utilizadas, portanto, sequências de palavras com e sem a presença do fenômeno. Os resultados a seguir nos permitem inferir a identificação ou não dos informantes, paraenses e cearenses da região nordeste do Pará, com o abaixamento vocálico.

Para a primeira pergunta *you think there are differences between the two sequences? Qual?*, objetivamos identificar o grau de consciência linguística dos informantes sobre o fenômeno do abaixamento. Labov (2008) afirma que determinada variável linguística pode ter níveis de apreciação social distintos a partir dos quais uma variante pode ser classificada de acordo com a força avaliativa dos falantes/ouvintes. Ao serem indagados sobre a percepção de diferenças entre as duas sequências de palavras, a maioria dos informantes não foi capaz de perceber a distinção entre as vogais abertas e fechadas, como apresenta a Figura 5.

Figura 5 – Resultados do Teste para a pergunta *you think there are differences between the two sequences? Qual?*



Fonte: Os autores.

Conforme o Gráfico, a maioria (55%) dos informantes não foi capaz de identificar a diferença entre a pronúncia aberta e fechada numa sequência de palavras. Para eles, não há diferenças entre as sequências. Os excertos, a seguir, reproduzem as falas dos informantes ao responderem à questão:

- (1) Eu não ouvi diferente em nenhuma, não (P4AFN03)
- (2) Igual, não tem diferença (P4AMN20)
- (3) As duas são a mesma palavra (P2NFM09).

Por outro lado, 34% dos informantes que afirmam existir diferenças entre as duas sequências de palavras não identificaram diferenças na pronúncia das vogais médias. Dentre as diferenças estabelecidas disseram “o puxado do R forte”, “a segunda sequência é mais correta”, “a primeira tem um sotaque diferente do normal”, “a primeira é mais puxada”, “a primeira é arrastada”, “a primeira é de Pernambuco, a segunda é normal”. Outras características apresentadas foram relacionadas a aspectos como quantidade de palavras nas sequências, ter as sequências de palavras diferentes, uma é mais puxada que a outra, uma arrasta a outra não, entre outros.

A percepção dos traços identificados ocorre a partir dos julgamentos correlacionados a características sociolinguísticas atribuídas às sequências de palavras. Tais julgamentos deixam latentes o componente afetivo de atitudes, revelando uma atitude negativa, ora associada à correção, normalidade da variedade, ora associada a características prosódicas, fonéticas e diatópicas. O nível de consciência social de falantes/ouvintes é um aspecto importante, já destacado por Labov (1972), que permite a estratificação de determinada variável linguística. Logo, as características apontadas, por serem fortemente sensíveis à avaliação social, poderiam ser consideradas estereótipos, o que indicaria uma atitude negativa dos falantes, geralmente associada à primeira sequência de palavras, as produzidas por vogais médias abertas.

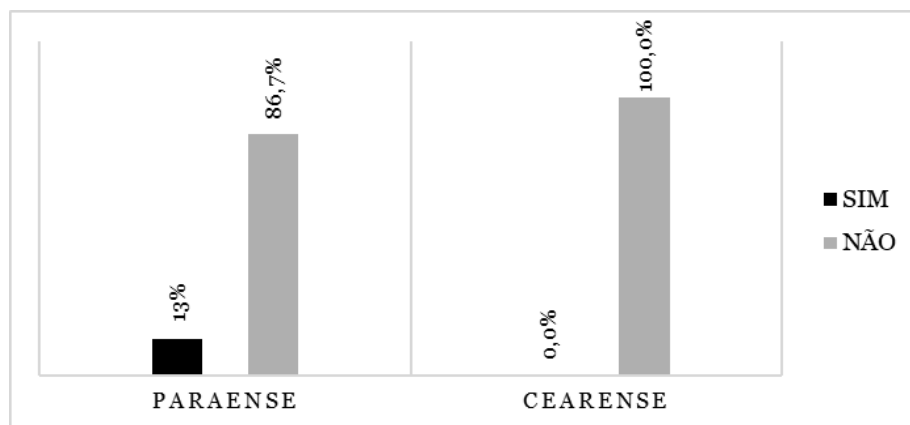
Em relação à abertura das vogais, apenas 11% identificaram a presença de vogais abertas e fechadas como o que diferenciava as sequências de palavras:

- (4) Sim.. o jeito de falar né? "t[ɛ]rreno" te.. te.. como é? "t[e]rreno" "t[ɛ]rreno" parece uma coisa meio nordestina e outra... (P3AFN24)
- (5) bom achei...que na primeira sequência a sílaba a tônica do E é muito forte.
- (6) Sim [qual?] é de certa forma uma acentuação na, é, na como se fosse na primeira sílaba, na primeira vogal da palavra o senhor acentuou e a outra foi mais neutra.
- (7) acho...[qual?] da primeira sequência que tu...fala [ɔ]velha...né? e na outra fala [o]velha...aí T[ɛ]rreno e no outro t[e]rreno...

Em síntese, os resultados nos permitem considerar o fenômeno da variação das vogais médias como sendo imperceptível à consciência dos falantes. Corrobora isso a não identificação de nenhum dialeto avaliado na Região a esse fenômeno (FERREIRA, 2019). Pode contribuir para a não percepção dos informantes juizes do fenômeno da variação das médias, o fato de serem usuários das variantes [ɛ] ~ [e] ~ [i] e [ɔ] ~ [o] ~ [u]. Com base nessas informações, podemos afirmar que a variação das médias é um fenômeno não marcado socialmente, já que os informantes em sua totalidade não o identificaram, configurando-se como um indicador, como postula Labov (1972).

Quando comparamos esses resultados com base na procedência dos informantes, somente poucos paraenses identificaram a variação das médias, como apresenta a figura 6.

Figura 6 – Percentual de identificação da variação das vogais médias pelos informantes cearenses e paraenses.

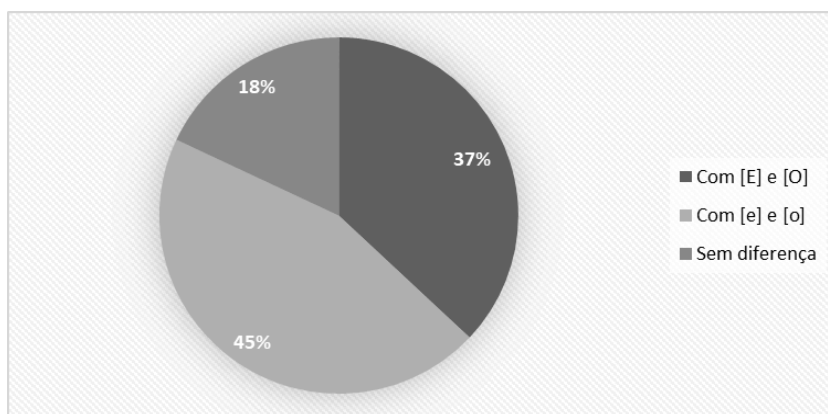


Fonte: Os autores.

Os resultados apontam para uma pequena distinção entre os informantes. Nenhum cearense identificou o fenômeno por esse motivo não emite juízo de valor. Entre respostas dadas tivemos afirmações do tipo: “não percebi”, “achei igual”, “as duas são a mesma coisa”. Já em relação aos paraenses, 13, 30% afirmaram identificar a variação.

A questão 2, *Qual sequência você acha mais bonita?*, objetivou medir o componente conativo e verificar alguma associação negativa ou positiva às variantes por parte dos juízes. 45% dos informantes disseram ser a sequência com as vogais fechadas e 37% a que possui vogais abertas. Já 18% reafirmaram não haver diferença. Os resultados estão representados na Figura 7.

Figura 7 – Percentual para respostas sobre a sequência considerada mais bonita

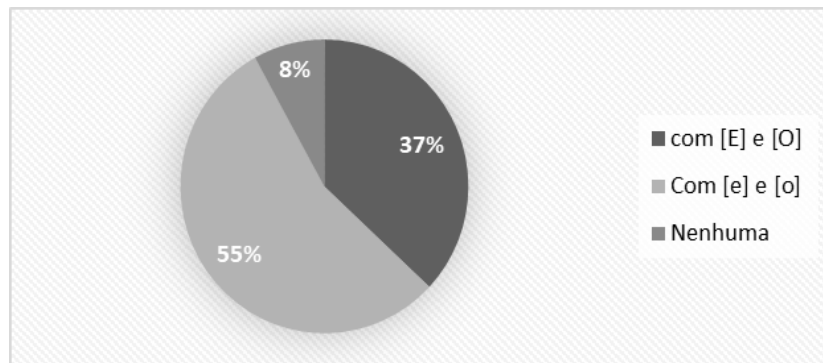


Fonte: Os autores.

Os resultados obtidos e apresentados evidenciam que tanto as variantes abertas quanto as fechadas possuem prestígio por parte dos informantes, pois a diferença, embora seja para o favorecimento das variantes [e] e [o], não descarta o prestígio das variantes abertas. Os dados de produção das médias corroboram as atitudes dos informantes frente a essas variantes, uma vez que as variantes fechadas são reconhecidas como melhores no teste de atitudes e são as mais utilizadas pelos falantes da região

Quando questionados sobre qual forma utilizam, com a pergunta *'Você acha que fala semelhante à primeira ou à segunda sequência?'*, os percentuais foram os seguintes, conforme se pode verificar na Figura 7.

Figura 7 – Percentuais para a sequência considera semelhante à fala dos informantes



Fonte: os autores.

A maioria dos informantes, 55%, afirmaram falar semelhante à segunda sequência, ou seja, o grupo de palavras produzidas com vogais médias fechadas; já 37% afirmaram falar conforme o grupo de palavras da primeira sequência, com vogais abertas; e 8% continuaram afirmando não haver diferença.

As manifestações linguísticas tidas nesta última questão explicitam a preferência dos falantes pelas variantes fechadas e corroboram os resultados de produção apresentados na seção anterior. Por afirmarem utilizar a variante predominante e mais prestigiada, os informantes apresentam segurança linguística em sua fala, corroborando os resultados do questionário qualitativo.

Essa segurança linguística, mesmo que inconsciente, manifesta uma tendência a avaliar positivamente as variantes [e] e [o], consideradas a norma no Pará e na maioria das variedades brasileiras, como têm demonstrado várias pesquisas sobre vogais médias.

Considerações finais

Com o objetivo principal de discutir os resultados do teste de percepção e segurança linguística sobre o (não) abaixamento das médias pretônicas feito com paraenses e cearenses no nordeste do Pará, propôs-se aqui uma análise das atitudes de falantes a partir da observação de dois grupos: paraenses (denominados topoestáticos) e cearenses, (denominados topodinâmicos). Foram aplicadas três perguntas a partir do *Self Report test*, visando verificar em cada um dos grupos a consciência e a atitude linguística em relação à variação das vogais médias pretônicas.

O estudo pautou-se nos pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística (Labov, 2008) e de crenças e atitudes (Lambert; Lambert, 1972). Os dados foram coletados em cinco localidades do Nordeste do Pará. Os resultados indicaram que a variação das médias pretônicas não foi um fenômeno perceptível para o grupo de amostra; Os informantes juízes se identificaram mais com as variantes médias fechadas. Considera-se a partir dos resultados que a variação das médias pretônicas é um fenômeno categorizado como um indicador, nos termos de Labov (2008), haja vista que está abaixo da consciência social dos falantes, e portanto, de difícil percepção aos leigos.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Dicionário crítico de sociolinguística**. São Paulo: Parábola, 2017.

BARCELOS, Ana Maria. Reflexões acerca da mudança de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. **Rev. Brasileira de Linguística Aplicada**, Virçosa, v. 7, n. 2, pág. 109-138, 2007.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004.

CASSIQUE, Orlando. Projeto de Doutorado “**Linguagem, Estigma e Identidade no Interior da Amazônia Paraense: um exame de base variacionista da nasalidade vocálica pretônica no município de Breves/PA**”. Belém, 2006 (Projeto de Pesquisa. Inédito).

CORDEIRO, Iracema Maria Castro Coimbra. Nordeste do Pará: configurações atuais e aspectos identitários. In: CORDEIRO, Iracema Maria Castro Coimbra et al (Org.). **Nordeste Paraense: panorama geral e uso sustentável das florestas secundárias**. Belém: UFRA, 2017. p. 19-58.

CRUZ, Regina. Vogais na Amazônia Paraense. **Alfa**, São Paulo, v. 56, n. 3, pág. 945-972, 2012

FERREIRA, Jany Éric Queirós. **Crenças e atitudes linguísticas de paraenses e cearenses na região nordeste do Pará: um estudo sobre o abaixamento das vogais médias pretônicas**. 2019. 231 fls. Tese (Doutorado em Letras/Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras – Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Uso, crença e atitudes na variação da primeira pessoa do plural no português brasileiro. **Delta**, São Paulo, 32, v. 4, p. 889-917, 2016.

LABOV, Willian. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos BAGNO; Maria Marta SCHERRE e Caroline CARDOSO. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LAMBERT, W. W; LAMBERT, W. E. **Psicologia social**. Tradução: Álvaro Cabral. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.